

FICHA TÉCNICA

Título

Pelos Caminhos do Douro...
Pela Calçada de Alpajares

Coordenação

Nelson Rebanda

Design gráfico

SerSilito, Maia

Edição

Comissão Executiva das Comemorações dos 250 Anos
da Região Demarcada do Douro

Colaboradores

Afonso Menezes
Anabela Amado
António Almeida Monteiro
Emília Novo
Nelson Rebanda
João Paulo Castanho

Fotografias

Imediático, publicidade e artes gráficas, Lda.
Afonso Menezes
Anabela Amado
António Almeida Monteiro
Emília Novo
Nelson Rebanda
João Paulo Castanho
Carlos Carrapato
Floris
João Cosme
Arquivo PNAD - Espanha

Agradecimentos

Parque Natural do Douro Internacional
Instituto Geográfico do Exército

Impressão

SerSilito, Maia

Tiragem

1.000 exemplares

Depósito legal

0000

Ano de edição

Setembro 2006


Índice

Pelos Caminhos do Douro...


Pela Calçada de Alpajares

Pela Calçada de Alpajares...	
de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva.	7
Caminhos: onde começam e onde acabam?	7
O caminho antigo de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva e a calçada de Alpajares..	7
Percurso actual de Freixo de Espada à Cinta até Poiares e outras opções.	10
Outros roteiros, guias e percursos organizados, sobre a zona considerada.	13
Sobre o presente roteiro	16


Fauna

 Fauna da Ribeira do Mosteiro no contexto do Parque Natural do Douro Internacional.	19
Bibliografia	31


Flora

 Flora e Vegetação do Douro na envolvente do Maciço de Poiares	33
Bibliografia	41

Geologia

 Geologia da Zona de Alpajares-ribeira do Mosteiro	43
Geo-história e Enquadramento Estrutural	43
Bibliografia	50
Pontos de interesse geológico ao longo do percurso	51

História e Património Cultural

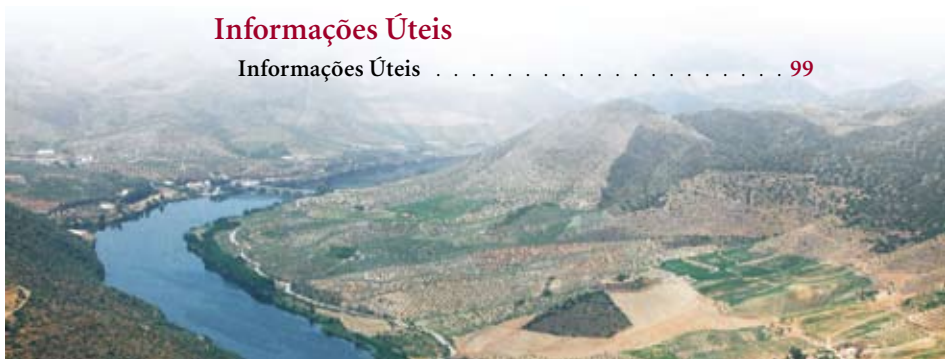
 O Elemento Humano no Espaço e no Tempo da Calçada de Alpajares	61
Pontos a observar	77
Bibliografia	79

Antologia

Breve antologia literária em redor e de Alpajares	83
---	----

Informações Úteis

Informações Úteis	99
-----------------------------	----





Flora



Pelos Caminhos do Douro...

Flora e Vegetação do Douro na envolvente do Maciço de Poiares

Anabela Amado

Engenheira Biofísica, colaboradora do Parque Natural do Douro Internacional

Afonso Menezes

Engenheiro Florestal, Técnico Superior do Parque Natural do Douro Internacional



A flora da Península Ibérica é das mais ricas e importantes de toda a Europa. Isto deve-se a uma diversidade de biótopos, a variações de clima, relevo, geologia e outros aspectos naturais que caracterizaram a nossa paisagem. O facto das glaciações quaternárias na Península Ibérica terem sido pouco severas, fez com que inúmeras espécies se tivessem aqui acantonado e sobrevivido até aos nossos dias. A proximidade da flora rica do Norte de África, o isolamento geográfico da Península e o seu enquadramento na bacia mediterrânica são factores que também contribuem para a elevada riqueza florística existente na Península Ibérica.

Neste quadro, a flora do Douro tem uma particular importância no interior noroeste da Península Ibérica, principalmente na denominada Terra Quente Transmontana onde vários botânicos conceituados têm vindo a estudar, desde o século XIX até aos nossos dias.

Tem-se vindo a verificar uma constante evolução do estudo da flora e vegetação do Douro, tanto do ponto de vista taxonómico como ecológico e geográfico para a Região Demarcada do Douro em particular e Parque Natural do Douro Internacional de um modo geral. Desde cedo se percebeu, que um interesse acrescido em determinar a ecologia de cada espécie, contribuiria também para obter mais conhecimentos e potencialidades para a região.

A Região Demarcada do Douro é um resultado claro do aproveitamento das óptimas condições existentes, pois é há muito tempo explorada pelo Homem, que destruiu grande parte da vegetação natural, ficando esta última, reduzida a manchas pontuais de vegetação natural; são assim por consequência mais raros os bosques autóctones que actualmente deveriam cobrir os montes e encostas do Douro.

Supõem-se que a vinha na região duriense seja anterior à dominação romana, uma vez que a cultura da vinha de Trás-os-Montes foi, segundo Mendonça (1954), mencionada por Estrabão, geógrafo grego que viveu no século I a.C. A transformação das encostas do Douro em vinha deve ter sido fortemente impulsionada pelas boas



Vegetação ripícola, na confluência do Huebra com o Douro (F1)



Tamargais de *Tamarix africana* (F2)



Zambulho, laranjal e choupal, na foz da ribeira do Mosteiro (F3)



Coronilla mínima (F5)

condições de navegabilidade do Douro. Os trabalhos de instalação da vinha intensificaram-se depois do tratado de Methuen (1703) e sobretudo com o Marquês de Pombal quando formou a Companhia dos Vinhos do alto Douro (1756).

A floresta mediterrânica que dominava as vertentes declivosas que desciam sobre o Douro foi substituída pelas vinhas, dispostas em socalcos, onde o trabalho e o empenho extraordinário de várias gerações na construção da paisagem e aproveitamento do território em todo o seu esplendor, não impediram que a vegetação natural continuasse a marcar presença, mesmo que fragmentada, por entre os socalcos e divisórias das grandes quintas do Douro, pioneiras no seu papel da conservação dos solos. Podemos ainda ver a flora duriense, com toda a sua panóplia de cores ao longo das suas margens, cuja presença é determinada pela existência das areias que o Douro transportou ao longo de todo o seu percurso internacional, e que aqui são deixadas quase que acidentalmente ou talvez por cansaço. O rio deposita assim os seus sedimentos em longos areais, proporcionando novos tipos de habitats ribeirinhos e criando uma diversidade de biótopos e de paisagens ao longo de todo o seu percurso verdadeiramente apaixonantes.

A flora característica dos leitos de cheia do Douro é um dos pontos fortes da Região Demarcada do Douro, que se estende por vastos areais do rio, outrora mencionada por Rozeira (1944), Vasconcelos e Mendonça (1941) onde realça e dá a conhecer endemismos durienses, espécies como *Trigonella polyceratia* subsp. *aman-diana*, *Pistorinia hispanica*, *Micropyrum patens*, *Silene conica*, e mais recentemente *Scrophularia valdesii*, *Malcolmia lacera* subsp. *patula*, *Loeflingia hispanica*, que continuam a encher-nos o olho pela sua beleza e simplicidade.

No concelho de Freixo de Espada à Cinta, nas Quintas a jusante da barragem internacional de Saucelle, (F1) as margens do Douro são delineadas por salgueirais endémicos de *Salix purpurea*, *Salix pseudo-salvifolia* e *Salix atrocinera*, amoreiras (*Morus alba*) e (*Morus nigra*), intercaladas com cortinas de amieais (*Alnus glutinosa*), tamargueiras (*Tamarix africana* – F2), não faltando os freixos (*Fraxinus angustifolia*), os negrilhos (*Ulmus minor*) e choupais autóctones de *Populus nigra* var. *betulifolia* que aos poucos vão hibridizando, devido à introdução de outras espécies para produção de madeira. (F3)

Próximo da foz da ribeira do Mosteiro, no Douro, existe um tipo de flora particular, cuja distribuição foi fragmentada pela construção das sucessivas barragens no Douro Internacional. Esta flora, característica do leito de cheia rochoso, é constituída pela magnífica *Aphyllanthes monspeliensis* (F4), juntamente com *Petrorhagia saxifraga*, *Peucedanum officinalis*, *Coronilla minima* subsp. *Mínima* (F5), *Centaurea ornata*, *Delphinium halteratum* subsp. *verdunense*, *Cerinth major*, *Nigella* sp., *Clematis campaniflora* e *Galega officinalis*; esta comunidade é também acompanhada por arbustivas tais como as roseiras *Rosa canina* (F6), *Rosa micrantha* e *Rosa corymbifera*, as silvas (*Rubus ulmifolius*), (F7) trepadeiras *Tamus communis*, *Bryonia cretica* subsp. *dioica*, *Rubia peregrina* e a hera (*Hedera helix*). Estas comunidades de leitos de cheias do Douro fazem a ligação entre as escarpas graníticas do canhão do Douro Internacional e as encostas xistosas mais suaves e onduladas da Região Demarcada do Douro. Os silvados que acompanham estas comunidades, assim como outras arbustivas – piorneira (*Retama sphaerocarpa*), rondera (*Rhamnus oleoides* subsp. *lycioides*), jasmim (*Jasminum fruticosum*), madressilvas (*Lonicera* sp. – F8) – tiveram teimosamente de avançar desde as cotas mais altas até às margens do Douro, aproveitando as faixas mais húmidas fornecidas pelo mosaico das quintas, criando valiosos corredores ecológicos entre culturas agrícolas.

Esta flora é de uma resistência surpreendente, comparável apenas com a existente nos cumes dos cumes de altas montanhas, onde



Aphyllanthes monspeliensis (F4)



Aphyllanthes monspeliensis (aberta)



Coronilla minima (pormenor) (F5)



Roseira brava (*Rosa canina*) (F6)



Silva (*Rubus ulmifolius*) (F7)



Madressilva (*Lonicera* sp.) (F8)



Amendoeira (*Prunus dulcis*) (F9)



Cosentinea vellea (F10)

a pressão feita pelos ventos fortes, neve, enxurradas e temperaturas verdadeiramente desfavoráveis são aqui equiparadas com a pressão do rio Douro com regime torrencial que não só inunda, como fustiga as suas margens na época de Inverno. Desta forma tão natural, o Douro consegue proteger a flora e vegetação característica dos seus leitos de cheias, libertando-as da competitividade deste espaço com espécies invasoras e oportunistas que teimam em penetrar nestes habitats tão inóspitos.

Podemos dizer que a vegetação natural da Região Demarcada do Douro foi ao longo dos tempos de certa forma valorizada e isso reflecte-se nas culturas que foram simplesmente enxertadas através das variedades autóctones como a videira bravia (*Vitis vinifera*), a amendoeira (*Prunus dulcis*), (F9) a oliveira brava ou zambulho (*Olea europaea* var. *sylvestris*), figueira brava (*Ficus carica*), ou introduzidas, como as ameixoeiras, marmeleiros, nespereiras, figueiras, cidreiras, pessegueiros, laranjeiras e limão doce conforme refere Gasco (*in* Cruz, 1935) nos seus fabulosos textos, datados de 1627-1635. Afirmando Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (*in* Maranhão, 1836) que, “antes que os nossos Portugueses descobrissem a Índia, já havia laranjas em Portugal (em 1262); porém as melhores, que temos, vierão da China, depois de que se dobrou o Cabo da Boa Esperança em 1497. - Viterbo V. [artigo] Naracharia.”

Estes pomares estão presentes nas margens da ribeira do Mosteiro, onde nas vertentes xistosas das suas margens, extremamente íngremes, no seio de azinhais que se descortinam por entre vinhedos, olivais e amendoais, ocorrem verdadeiras relíquias de populações do paleoendemismo *Cosentinia vellea* (variedade rara de feto – F10) associado ao raro *Convolvulus siculus* e *Arisarum vulgare*.

Junto aos caminhos próximos das linhas de água, barrancos e muros divisórios em pedra, podemos encontrar o figo-palmeiro (*Opuntia ficus-indica*), cato oriundo do continente Americano.

Nestas paisagens humanizadas podemos constatar que a flora anual, bianual e arbustiva autóctone volta a brotar sempre que há abandono agrícola, demonstrando mais uma vez que a vegetação natural do Douro tem um forte poder de regeneração. Observando como exemplo os bosques de azinheira ou carrasco (*Quercus rotundifolia*) (F11) e zimbro (*Juniperus oxycedrus*) em franca recuperação, enriquecidos com endemismos tais como o espargo (*Asparagus albus*) (F12) e rondadeira (*Rhamnus oleoides* subsp. *Lycioides*) e outras espécies como a esteva (*Cistus ladanifer*), a roselha (*Cistus albidus* – F13), *Phillyrea angustifolia*, *Acer monspessulanum*, as giestas amarelas (*Cytisus striatus* e *C. scoparius*), giesta branca



Cornalheiras (*Pistacia terebinthus*) (F11)



Espargo (*Asparagus albus*) (F12)



Roselha (*cistus albidus*) (F13)



Piorneira ou Retama
(*Retama sphaerocarpa*) (F14)



Gilbardeira
(*Ruscus aculeatus erocarpa*) (F15)



Ranúnculos aquáticos
(*Ranunculus* sp.) (F16)



Amieiros (*Alnus glutinosa*) (F17)

(*Cytisus multiflorus*), a retama (*Retama sphaerocarpa*) (F14), a cornalheira (*Pistacia terebinthus*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), (F15) o espargo bravo (*Asparagus acutiflorus*), o pilriteiro (*Crataegus monogyna* subsp. *Brevispina*), o trovisco (*Daphne gnidium*), o bracejo (*Stipa gigantea*).

Ao longo das encostas do Douro e seus afluentes existem exuberantes bosques de lodão (*Celtis australis*) ricos em rosáceas (*Prunus mahaleb*, *Prunus spinosa*, *rubus* sp., *Rosa* sp.), videira bravia (*Vitis vinifera*), figueira brava (*Ficus carica*). Estas plantas, podem ser observadas ao longo da ribeira do Mosteiro por caminhos de pé posto e calçada de Alpajares. Esta ribeira é coberta por várias espécies de ranúnculos aquáticos (*Ranunculus peltatus* subsp. *peltatus*, *R. penicillatus*—F16) no início da Primavera, ensombrados pelos amieiros (F17), salgueiros, freixos, choupos, lodões e negrilhos característicos da vegetação ripícola da bacia do Douro.

Nas encostas escarpadas, xistosas, de solos mais esqueléticos desta ribeira encontram-se, tal como no Douro, comunidades dominadas maioritariamente por esteva (*Cistus ladanifer*) (F18). Nos terrenos mais degradados também aparece uma vegetação rasteira e aromática como a arçã (*Lavandula pedunculata*), (F19) bela-luz (*Thymus mastichina*), tomelinha (*Thymus zygis*), orégãos (*Origanum virens*), estevinha (*cistus salvifolius*), arruda (*Ruta montana*) (F20), folho (*Foeniculum vulgare*) e a erva-prata (*Paronychia argentea*) (F21).

Os afloramentos rochosos são colonizados pelos cravinhos do monte (*Dianthus lusitanus*) (F22), *Anarrhinum duriense*, dedaleira (*Digitalis thapsi*). (F23).

Finalmente um pouco mais acima na serra de Poiares, encontramos em cotas mais altas, soutos de castanheiros (*Castanha sativa*), entre pinhais de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), carvalhais de (*Quercus pyrenaica*) e sobreirais (*Quercus suber*) (F24), que se estendem pelas encostas do Douro até ao sopé do Penedo Durão, onde existe um sobreiral (*Quercus suber*) fantástico, com zimbros, azinheiras ou carrascos, carvalhos cerquinho (*Quercus faginea* subsp. *faginea*), e pequenos arbustos como as arças (*Lavandula pedunculata* e *L. luisieri*), perpétua-das-areias (*Helichrysum stoechas*), *Hali-mium viscosum*, *Osyris alba*, que ao percorrê-lo em caminhadas, podemos observar magníficas orquídeas silvestres de cores exuberantes, *Ophrys apifera*, *Orchis morio* subsp. *picta*, *Orchis langei*, *Dactylorhiza sulphurea*, *Neotinea maculata*, *Ophrys helleborine*, (F25) e a companheira dos bosques a rosa loba (*Paeonia broteroï*) e em talu-



Esteva (*Cistus ladanifer*) (F18)



Arçã (*Lavandula pedunculata*) (F19)



Arruda (*Ruta montana*) (F20)



Erva-prata (*Paronychia argentea*) (F21)



Cravinho do monte
(*Dianthus lusitanus*) (F22)



Dedaleira (*Digiathlis thapsi*) (F23)



Sobreiral (*Quercus suber*) (F24)



Abelhinha (*Ophrys apifera*) (F25)



Moinhos antigos e vegetação ripícola (F17)

des mais húmidos, podemos ainda observar a endémica gramínea *Holcus setiglumis* subsp. *duriensis*.

Bibliografia

- Aguiar, C., A. Amado, A. Carvalho, F. Amich., M. Sequeira, N. Marcos e P. Cortez 2003 – “De Novarum Flora Lusitana comentarii – I”. *Silva Lusitana* 11 (2), p. 227-234.
- Amado, A., 2004 – *Estudo da vegetação não nitrófila dos leitos de cheias dos rios Douro e Águeda no Parque Natural do Douro Internacional*. Tese de Mestrado, Ecologia da Paisagem e Conservação da Natureza, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Jardim Botânico. Porto.
- Bernardos, S., A. Amado, C. Aguiar, A. L. Crespi & F. Amich. 2004 – “Aportaciones de la flora y vegetación del centro-occidente Ibérico (CW de España y NE de Portugal)”. *Acta Botanica Malacitana*.
- Bernardos, S., A. Amado, F. Amich, 2005 – *The narrow endemic Scrophularia valdesii Ortega-Olivencia & Devesa (Scrophulariaceae) in the Iberian Peninsula: an evaluation of its conservation status*. *Biodiv. Conserv.*
- Cruz, António (1935) – “Um inédito de António Coelho Gasco sobre Antiguidades de Trás-os-Montes”, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.
- Mendonça, F. A. & Vasconcellos, J. de C. (1944) – “Contribuição para a topografia florística da região duriense”, *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, II.
- Mendonça, F. A. & Vasconcellos, J. de C. (1944, 1954, 1958, 1960, 1961-1962) – “Estudo fitogeográfico da região duriense”, *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, I a V.
- Rozeira, A. (1944) – *A Flora da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Alcobça. Portugal.